

DOSSIER

Fenomenologia e Emoções: Experiência íntima do avesso

As emoções podem ser estranhos episódios subjectivos, e é hoje genericamente afastado um tipo de interpretação das mesmas, de veio tipicamente empirista, que reduziria os seus principais impactos a um conjunto de distúrbios ou alterações quási-mecânicas da sensibilidade. Contra tal reducionismo, e em articulação com novos temas de elaboração e uma estratégia metodológica radical, através da qual alguns dos seus mais exímios praticantes exerceram notáveis esforços de leitura e análise, a fenomenologia instituiu no pensamento contemporâneo esse dom de “torcer reflexivamente” os seus objetos de interpretação, subtraindo-lhe os laivos de paridade imediata com a experiência para melhor penetrar a sua complexa tessitura interna.

O presente dossier temático reúne propostas de interpretação de várias emoções – cuja “travessia” íntima implica uma experiência ou conversão de teor moral –, desde uma perspectiva fenomenológica e com referência explícita a autores da tradição sob análise.

O volume de ensaios ora dado à estampa abre com uma reflexão muito rica, da autoria de Margarida Amoedo, sobre a interpretação Orteguiana do sentido profundo do *amor*. Ortega y Gasset, como tantos pensadores e escritores da sua geração, julgou severa, mas realisticamente, a sua como uma época histórica profundamente destituída de um sentido genuíno do amor e de manifestações expressivas não equívocas desta emoção persistente, se não mesmo imorredora, que tende a determinar o curso da vida dos seres humanos. Por razões que são também de ordem histórica, e como a autora do ensaio não deixa de sublinhar, interessou a Ortega separar analiticamente o sentimento do amor (aqui a terminologia corrente impõe-se-nos) de emoções afins e correlativamente expressivas, como sejam o desejo, o carinho, a paixão ou a devoção. Do ponto de vista do teor expressivo específico ao amor, Margarida Amoedo destaca a abertura ininterrupta para o ser amado, em que a percepção integradora e qualitativamente inconfundível da figura desse outro que se ama se associará a uma metamorfose igualmente detectável no semblante do ser amante. Uma outra *nuance* que a autora do ensaio não deixa de sublinhar é essa disposição de prioritização do ser do outro (amado), sobre qualquer determinação de teor egóico. Não estará certamente longe desta abordagem temática e respectivas repercussões teóricas, uma ética – embora com inflexões culturais distintas –, em moldes levinasianos, da *disponibilité*.

O segundo contributo para o dossier é da autoria de Ângelo Milhano, e oferece-nos uma leitura histórico-fenomenológica da disposição emocional de *mal-estar* com referência a uma época civilizacional determinada. Milhano reaviva para o debate actual em torno da digitalização massiva das economias e de um novo entendimento de “sociedade global” um núcleo polémico quase centenário. Trata-se de um estudo problemático sobre a essência da tecnologia e os seus perigos visíveis e invisíveis. Com referências particularmente ricas ao pensamento de Freud, de Heidegger e de Herbert Marcuse, o autor do artigo dá conta de uma nova forma de “mal-estar” difuso, mas persistente nos dias que correm, e que domina o debate político e a comercialização ideológica desta espécie de deus tecnológico turvo e inadiável da conversão digital de economia e serviços. Se, na recta final do seu trabalho e da sua vida, Sigmund Freud pensara o mal-estar civilizacional como um preço alto e necessário a pagar pela sobrevivência da própria estrutura social e Heidegger viria a tomar em mãos uma discussão puramente metafísica da essência da técnica moderna, coube aos decisores

tecnocratas do século XXI a escolha inadiável pelo “mais perigoso de todos os perigos”: o domínio imponderável *pela* técnica. Marcuse, pensador mais próximo de uma estrutura socioeconómica tal como a que conhecemos e desconhecemos em pleno século XXI, não deixou de adivinhar corretamente a forma da necessitação materialista de tal calamidade: trabalho e produção massificados.

O terceiro ensaio do presente número temático, da autoria de Ana Falcato, é um longo estudo sobre a natureza ética da *vergonha*, maioritariamente retratada na obra de três autores: Bernard Williams, I. Kant e J.M. Coetzee. A autora expõe-nos um modelo de evolução psíquico-genético sobre esta emoção penosa e com repercussões intrinsecamente paradoxais e avalia o seu impacto moral na vida de um agente responsável, mas mais ainda no interior de um paradigma cultural determinado. A vergonha – uma emoção amplamente nomeada ao longo das últimas semanas na comunicação social mundial –, pode não apenas determinar um conjunto de manifestações e respostas subjectivas, como ser um reflexo de tempo e espaço experienciados. E é esse o desafio, visual e imaginativamente perturbador, de muita da prosa ficcional de John Coetzee a que o ensaio directamente alude. Coetzee escreveu amplamente sobre experiências de vergonha e de humilhação, não apenas a partir de personagens literárias retratadas no seu universo ficcional, como em arrojados retratos indirectos de si próprio, produzidos em registo autobiográfico. Em ambas formas sobressai o ónus da sua identidade de escritor africano – um sul-africano branco – e a experiência de um colonialismo tardio e retrógrado, universalmente condenado e explorado, à vez. Num tal mundo inóspito e brutalizante, *tudo* – também uma experiência moralmente significativa de vergonha e de rebaixamento social – pode parecer-nos desproporcional e induzir no leitor desprevenido uma impressão inarraigável de...vergonha.

O quarto ensaio da colectânea é da autoria de Irene Borges Duarte. Trata-se de uma reflexão sobre a natureza da experiência de *aventura* e sua relação com o tempo pessoal, discutida por Vladimir Jankélévitch e que indirectamente corrobora a leitura heideggeriana de temporalidade existencial.

Temos em seguida um ensaio muitíssimo estimulante, da autoria de Patricio Mena Malet, que desenvolve uma abordagem fenomenológica sobre a experiência de *surpresa*. Malet oferece-nos uma leitura extraordinariamente bem informada sobre o impacto subjectivo característico desse momento de descontinuidade abrupta do tempo íntimo da consciência, não apenas em termos rigorosamente descritivos, como por alusão a diferentes leituras teóricas do fenómeno. Percorrendo a par e passo o vínculo pendular tão característico da experiência de surpresa, que oscila entre *atenção* e assalto do *inesperado*, o autor focar-se-á no contraste entre a impressão pática de um tempo mental interrompido e a continuidade ou sequência de microfenómenos íntimos, igualmente característica e reconhecível, a que um tal corte abrupto no fluxo de atenção dá lugar. Embora concentrando muito do seu esforço interpretativo na obra *Le volontaire et l'involontaire*, de Paul

Ricoeur, o tema e a abordagem escolhida no artigo são muito devedores da fenomenologia husserliana.

O penúltimo ensaio desta colecção temática é de Helder Telo e traz-nos uma instigante reflexão sobre a proximidade entre o pensamento de Heidegger e de Aristóteles no respeitante a um contraste aqui estabelecido entre *emoções quotidianas* e *emoções éticas*. Helder Telo propôs-se discutir uma manifestação muito expressiva da ideia heideggeriana sobre a autenticidade própria do exercício do tempo à maneira humana, focando-se nas chamadas “emoções éticas” como respostas de compreensão maximamente abrangente da realidade no seu todo e, bem assim, com ressonâncias metafísicas explícitas. Partindo de um exercício interpretativo e dialogante com algumas das mais recentes propostas teóricas sobre o entrelaçamento entre moralidade e emoções, o autor prescinde de qualquer quadro de referência mais claramente devedor da tradição empirista e retoma uma análise fenomenológica que, entre vários outros elementos de análise, recusa fazer confluír “ética” e “moralidade.” Tal cisão revela-se importante para o fulcro da presente análise, na medida em que é uma recuperação significativa do conjunto de conotações terminológicas do primeiro termo que permite expor o contraste estabelecido pelo artigo entre “emoções quotidianas” e “emoções éticas” – as que permitem uma atestação do sentido global da experiência que as induz e uma expressão integradora de carácter.

O último ensaio do dossier é da autoria de Henrique Cahet, e propõe uma reflexão sobre *La Nausée*, de Jean Paul Sartre, muito especificamente sobre o retrato aí esboçado do fenómeno da *angústia* – com afinidades, mas sem sobreposição, com a experiência de *náusea*. Cahet socorre-se abertamente das análises fenomenológicas de Martin Heidegger sobre esta estranha resposta emocional e respectivas nuances de expressão e de auto-revelação, sem nunca perder de vista algumas das passagens mais impressionantes do livro de juventude de Sartre e das análises aí traçadas da vida íntima de Roquentin. Como não poderia deixar de ser, atendendo à natureza dialéctica do pensamento de Sartre, por um lado, e ao momento de composição de *La Nausée* na trajectória intelectual do jovem filósofo francês, por outro, nenhuma passagem extraída do romance é meramente ilustrativa de um modelo teórico alheio, e sim uma concretização expressiva do episódio existencial relevante. A experiência de náusea – assim sugere o autor – poderia estar mais próxima do sentido existencial atribuído por Heidegger ao fenómeno da angústia, do que antecipado (ou desejado) pelo próprio Sartre.

Este número temático traz, pois, ao vasto universo de leitores de língua portuguesa, um conjunto de abordagens minuciosas desse que foi durante séculos considerado um tema potencialmente adverso dos propósitos últimos da filosofia europeia, mas que há já muitas décadas a esta parte vem sendo pensado com detenimento em várias tradições e considerado, não apenas como um parceiro de diálogo possível, mas indispensável – por cujo menosprezo filosofia e forma de vida pagam um valor demasiado alto.

Ana Falcato

Universidade Nova de Lisboa/FCSH